

Renovando sua Paisagem Interior e Exterior

Ensinamentos de Gurumayi Chidvilasananda

Questionar, persistir, compreender...

“O que estou fazendo aqui?”

“Por que estou manifesto neste planeta?”

“Como vou saber o que preciso saber?”

Esses “o quê”, “porquê” e “como” podem se tornar sua obsessão desenfreada se não surgirem de um apetite real por aprimoramento espiritual e autotranscendência. As soluções para essas questões enigmáticas devem vir do seu engajamento de seu cérebro físico com seu Ser supremo. Ao fazê-los trabalhar juntos persistentemente, você garante que o Coração é testemunha de sua indagação. Você garante que a *tarka-vitarka* — os argumentos intelectuais e contra-argumentos que você explora ao tentar responder a esses “o quê”, “porquê” e “como” — se origina e leva você de volta ao seu próprio Ser.

Se der uma boa olhada nas escrituras da Índia, elas estão repletas de perguntas e respostas, argumentos e contra-argumentos, refutações e réplicas. Um maravilhoso exemplo disso está no *Brihadaranyaka Upanishad*, que conta a história do rei Janaka e o sábio Yajnavalkya.

Na história, o rei faz uma pergunta ao sábio:

O que serve de luz para o homem?

Quando Yajnavalkya responde que é o sol, Janaka pergunta o que acontece quando o sol se põe. Dessa maneira, Janaka e Yajnavalkya ficam para lá e para cá, com Janaka continuando a perguntar o que servirá de luz quando diferentes fontes de luz tiverem desaparecido.

Por fim, o sábio dá a Janaka a resposta conclusiva e irrefutável:

É o Ser que serve de luz para o homem.

Embora a aplicação do intelecto seja crucial ao se engajar em um processo de pergunta e resposta como esse, a compreensão a que se chega não é apenas de natureza cerebral. Os grandes santos-poetas da Índia sabiam bem disso. No sul da Índia, por exemplo, os santos Basavanna e Allama Prabhu encorajavam ativamente os buscadores a debater assuntos relativos à vida espiritual. O objetivo desses debates era que os buscadores empregassem sua mente e seu poder de oratória, para que pudessem então superar os emaranhados de sons, palavras, frases e sintaxe.

Tratava-se de ir de *sakara rupa* para *nirakara rupa*.

Tratava-se de sair da forma

para o

s e m f o r m a.

Batalhas notáveis e significativas entre o intelecto e o Coração seriam travadas no *anubhava mantapa*, o “salão da experiência divina” que Basavanna havia erguido para esses *satsangs*. Algumas vezes, eram os buscadores que faziam as perguntas; outras vezes, era o Mestre. As respostas à pergunta de um buscador vinham de todos os quadrantes também — do Mestre, de outros buscadores e até mesmo do próprio questionador, em um momento de iluminação interior. Muitas vezes, outros santos e seres ilustres participavam desses *satsangs*, para que também pudessem desfrutar e participar da animada discussão. Em certa

ocasião memorável, para ser admitida no *satsang* que Basavanna e Allama Prabhu estavam realizando, a santa-poeta Akkamahadevi respondeu de forma tão comovente a uma série de perguntas que provou sua unidade com o Senhor Shiva — ou, como ela o chamava, Senhor Chennamallikarjuna, “o belo Senhor que é tão branco quanto as flores de jasmim”.

Dessa maneira, as perguntas eram feitas. As respostas eram dadas. Os argumentos iam e vinham, o debate se intensificava, as discussões cresciam em profundidade, complexidade e entusiasmo, até que...

nada.

Nada mais a ser dito. Nada mais a ser feito.

Nada além de...

luz!

E tudo se aglutinou num silêncio esplêndido que ecoou pela eternidade.

É esse silêncio retumbante, essa experiência sublime, que sucessivas gerações de buscadores almejam. É essa Verdade que eles desejam conhecer enquanto vivem neste planeta, para que possam ter a proficiência e a maestria para navegar neste *maya* e neste *bhava samsara*.

Se essa é a experiência que *você* deseja ter, então você precisa aceitar o processo que se faz necessário para chegar lá. Baba Muktananda falava nos *satsangs* sobre como todos querem um “atalho” para conhecer a Verdade. Baba dizia que as pessoas querem alcançar a Verdade rapidamente e querem que a Verdade em si seja “curta”, ou concisa, para que possam compreendê-la rapidamente. Mas, como Baba explicava: “A Verdade será a mesma Verdade, então você precisa compreendê-la como ela é.”

Considere esta analogia: Se você quer manter a saúde e a forma do seu corpo físico, precisa se exercitar regularmente. Deve ser diligente na construção e fortalecimento de seus músculos. Não basta depender da estrutura do esqueleto e do estado em que o resto do corpo se encontra, seja ele qual for.

Da mesma forma, se você busca adquirir conhecimento espiritual e mantê-lo de alguma forma duradoura, não vai funcionar “dar uma olhadinha” — achar que, só porque foi a um lugar sagrado ou leu algumas linhas de um livro sagrado, está tudo resolvido para você. Não pode esperar que alguém ou alguma outra coisa faça o trabalho por você, que vá atingir seu objetivo sem mexer um dedo sequer. Não, o seu esforço é necessário. Você deve fazer uso de suas faculdades cognitivas; deve tirar proveito dessa mente prodigiosa com a qual foi abençoado.

E quando faz isso, o que você descobre vai superar suas mais grandiosas idealizações. Seus esforços intrépidos, juntamente com a graça eletrizante, têm uma força extraordinária. Amparado por essa força, você encontrará o *know-how*; Você será capaz de criar um roteiro para responder seus questionamentos.

Portanto, questione, persista e depois: *compreenda*. Continue a registrar em seu diário — ou em sua mente, na forma de sua própria *manana*. Continue a debater em seu Círculo de Sadhana para manter o curso até chegar a esse lugar de reconciliação e alcançar a capacidade de repousar dentro de si por sua própria vontade.

Tem uma história que contei em um *satsang*, sobre um viajante que encontra um pedaço de argila de aparência interessante e o leva para casa. Em pouco tempo, toda a casa dessa pessoa é preenchida com uma fragrância inebriante. Quando percebem que a fragrância vem da argila,

perguntam a ela sobre isso. A argila explica que tem esse cheiro porque tem mantido a companhia de rosas.

É assim quando se está em comunhão com outros buscadores. Muitas vezes, você é incapaz de enxergar, ou aceitar, o quanto avançou em sua *sadhana*, o quanto alcançou. Mas quando está com outros estudantes que pensam de forma parecida, eles podem indicar para você os frutos de sua *tapasya*. Se o que eles disserem estiver exato, você vai sentir — algumas vezes é sutil, outras vezes é uma total explosão de *shakti* dentro de você. Quando esse conhecimento se torna cada vez mais cultivado no interior — o conhecimento de que você tem o que é preciso, que você está realmente lá — então sua *sadhana* se torna autopropelida. À medida que progride em sua jornada, a comunidade de buscadores também pode ajudá-lo a evitar que se afaste do caminho, pode mostrar para onde você está indo e para onde *deveria* estar avançando.

No início deste ensinamento, eu coloquei três perguntas que você pode estar se fazendo. A última pergunta foi: *Como vou saber o que preciso saber?* Você receberá respostas diferentes para essa pergunta em diferentes momentos de sua *sadhana*, e descobrirá que essas respostas estão perfeitas.

Para se centrar agora, você pode dizer o seguinte, mentalmente ou em voz alta:

“Que eu possa encontrar respostas elucidativas para minhas perguntas e uma direção clara para onde estou indo.

“Que eu possa escutar, respeitar e responder com entusiasmo e receptividade ao que os outros mencionem para mim e me lembrem a respeito de mim mesmo.

“Que eu nunca repudie a bondade que os outros derramam sobre mim e a graça que tão gentilmente flui para dentro do meu ser, mesmo quando estou alheio à sua magnitude.

“Que minha mente se refugie na perfeição da mão divina em minha vida.

“Que eu reconheça que estar aqui é a maior aventura que já aconteceu.”

~ Gurumayi Chidvilasananda



© 2024 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.

“Para ler as histórias mencionadas neste ensinamento, clique nos links que aparecem abaixo do ensinamento em inglês.”